

## Centro Olímpico da UnB: parte das nossas vidas e sonhos

Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende(\*)

Sou natural de Brasília e filho de um professor e uma servidora pública, logo, cursei o ensino fundamental nas boas escolas públicas da capital. No ensino médio, estudei no Colégio Marista de Brasília, 1979 até 1981, onde participei da equipe de atletismo com o inspirador professor Josué Benitz (que também era poeta e integrante do grupo que publicava o *Navégus*). E foi assim que conheci o Centro Olímpico (CO) da UnB, em uma competição escolar na incrível pista de tartan. Essa experiência nos mostra o quanto a UnB e o Centro Olímpico fazem parte da vida dos brasilienses e de nossas memórias, não apenas da comunidade acadêmica. A UnB sempre esteve aberta e em contato com a comunidade do Distrito Federal.

Também tive a oportunidade de acompanhar competições dos *Jogos Escolares Brasileiros* no Ginásio do CO, pois, naquela época, os jogos atraíam uma torcida disposta a apoiar os times que representavam Brasília, como também, curiosa para conhecer e interagir com as equipes de outros Estados.

Pouco tempo depois, voltei ao CO para fazer a *Prova de Habilidades Específicas* que era uma das exigências para o ingresso no curso de Educação Física da UnB. Nadamos na piscina olímpica, fizemos os testes de aptidão motora no ginásio e corremos na pista. A grandiosidade das instalações, pelo menos essa era a minha impressão, criavam a expectativa de estudar na UnB e, conseqüentemente, de ter acesso e usufruir desse espaço privilegiado.

Como estudante do curso de Educação Física, passei a vivenciar o CO todos os dias, o que na verdade somente ocorreu a partir do terceiro semestre, em 1983, pois, no início da graduação na UnB todos tinham que cursar as disciplinas básicas que eram ministradas no Instituto Central de Ciências (ICC). No horário do almoço, o parque aquático era um ponto de encontro dos estudantes de todos os cursos. Poder ficar com roupa de banho, pegar sol e nadar era um privilégio que muitos queriam desfrutar, mas, era preciso esperar o fim das atividades acadêmicas, sinalizado por uma sirene que anunciava a abertura das piscinas para o público em geral; lógico que apenas para os que tinham a carteira de usuário com o exame médico atualizado. Não era permitido entrar com bolsas, que ficavam guardadas no roupeiro, localizado na entrada dos vestiários; você deixava o material e recebia uma pulseira de borracha preta com a placa numérica que indicava onde seu material estava guardado. A saída tinha que ser “cronometrada”, pois, era preciso calcular o tempo necessário para chegar no Restaurante Universitário (na época, o RU era chamado de “bandejão”, pois, a comida era servida nos compartimentos de uma bandeja de metal, sem pratos), antes de fechar, porque senão, ficava sem almoço.

Cada dia tinha uma atividade especial. Tinha o dia da pelada de futebol, o dia da piscina, o dia da corrida no cross-cerrado (ou até a ponte do Braghetto, nome da empresa responsável pela sua construção - Braghetto), isso porque as atividades geralmente eram combinadas em grupo. Nos finais de semana, o CO funcionava como um clube ou um parque, ou seja, era um espaço de lazer para os estudantes que enchiam os gramados. Nas rodinhas de conversa, os temas podiam variar da cultura para política, mas, convém registrar, não era momento de alienação, e sim de mobilização.

Nas instalações do CO, não existia a cobertura inicial, pois, as dependências foram construídas no subsolo, de maneira a não prejudicar a vista panorâmica do Lago Paranoá, sensibilidade artística dos arquitetos, de maneira que, a parte superior (o teto), era um ousado jardim. A única parte que se destacava do solo era o telhado do Ginásio. Na Faculdade de Educação Física, na parte inferior, junto aos banheiros, tinha uma infraestrutura dedicada à fisioterapia com tanques de turbilhão de concreto, sauna

e diversos outros equipamentos, sob a supervisão do Padre Neco, apelido do pernambucano Manoel Serafim da Silva, segundo David Pereira de Castro, servidor pioneiro que recebeu o título do *Mérito Universitário*. O pátio central era uma quadra de basquetebol, que vez por outra era utilizada, e a grande sala de vidro (chamada de Sala 114, em função da numeração que tinha na porta, prática comum na UnB para localizar as salas de aula), era equipada para ginástica artística (na época ainda chamada de olímpica), com argolas, barra fixa, cavalo com alças, trave, colchões, trampolins e tudo mais. A sala do andar intermediário era dedicada à musculação, com um enorme equipamento multiestação no centro. Em outras palavras, era uma estrutura mais esportiva do que acadêmica, portanto, que compunha e enriquecia o CO.

Ao conversar com servidores que trabalhavam no CO, compreendi que, na década de 70, o parque aquático, pela complexidade do manejo de seu impressionante maquinário, inclusive das substâncias químicas de limpeza das piscinas, era a principal instalação do CO, logo, quem fosse responsável pelas piscinas tinha o status de “chefe do CO”, incumbência que era do Félix Maria de Camargo Rangel, em seguida assumida pelo Anísio Temotio de Amorim, que também se destacava nas corridas de fundo; lembro que no *Cross Cerrado* ele costumava chegar entre os três primeiros, revezando com o Leão, o Pedro Bala e o Caxeta, exímios corredores. Importante citar dois nomes marcantes na chefia do CO: Leodenir Ribeiro dos Santos, que assumiu a função por 14 anos, logo, quem mais tempo atuou como chefe, e Eliezer de Oliveira Filho (*in memoriam*) que lamentamos ter nos deixado precocemente.

Na década de 80, olhávamos para aqueles estacionamentos gigantes da UnB e ficávamos imaginando se algum dia poderiam estar cheios, pois, quase nenhum estudante tinha carro. Era costume ficar na saída dos estacionamentos do ICC para pedir carona, geralmente para o Plano Piloto mesmo. Até as salas de aula da FEF não eram todas utilizadas. Conseguimos uma autorização da chefia do Departamento de Educação Física para utilizar a última sala do corredor como sede do Centro Acadêmico. Era nesse espaço que fizemos o jornal dos estudantes denominado de *Re-Flexão*, que se dispunha a tratar das questões da Educação Física e do CO, que sempre estava movimentado, em função da grande oferta de turmas da Prática Desportiva (PD), disciplina obrigatória para estudantes de todos os cursos da UnB.

Não deixei de frequentar o CO quando terminei o curso e ingressei no mestrado na Faculdade de Educação, em 1988, porém, as visitas passaram a ser de forma mais esporádica. A reaproximação deu-se quando tive a incrível oportunidade, por cerca de três semestres letivos, de atuar como professor substituto no Departamento de Educação Física. Ministrando PD de Futebol e poder juntar o prazer de dar aula e jogar bola ao mesmo tempo, era um privilégio. O retorno efetivo, porém, ocorreu em 1997, quando passei no concurso público para docente na UnB, após dez anos de dedicação à natação para pessoas com deficiência no Centro Integrado de Ensino Especial e no Cresce – Centro de Reabilitação e Estudo da Criança Especial, sob a liderança do prof. Alberto Jorge Rocha da Silva. A partir de então, o CO passou a fazer parte do meu cotidiano, praticamente todos os dias da semana, ao longo desses últimos 24 anos.

É no CO que corro, é no CO que nado, é no CO que trabalho, é no CO que aprendo atividades novas, como a yoga, e é no CO que pratico as atividades que escolhi para minha vida, como o tai chi (que aprendi nos jardins da UnB, atrás do Instituto de Artes com meu xará Alexandre, que veio de São Paulo para estudar na UnB, e compartilhou o aprendizado recebido no Instituto Liu Pai Lin). Foi no CO que minha filha participou das Oficinas Infantis, coordenadas pela profa. Ana Maria e com a Soninha como secretária; ao final, brincava pelas dependências até a hora de irmos embora. Essas experiências tornam o CO parte da minha vida e da minha identidade, logo, não é à toa que a minha sala de professor fica localizada, por uma escolha pessoal, no CO.

Como professor, o CO é palco para o Grupo de Estudo da Natação Especial – Genes, projeto de extensão coordenado em parceria com os professores José Gustavo (aposentado recentemente) e Paulo Gutierrez que oferece aulas de natação para cerca de 40 pessoas com deficiência. A proposta iniciou em Planaltina, com a demanda da Comissão Jovem Gente como a Gente e depois veio para o parque aquático

do CO, a fim de oportunizar aos estudantes uma nova alternativa de estágio supervisionado. Há pouco tempo, fomos procurados pelo prof. Marcus Lima, dedicado à natação paralímpica, que passou a integrar o projeto com uma dimensão esportiva até então não desenvolvida. São ações que demonstram o potencial das pessoas com deficiência e despertam a vocação e o compromisso dos professores de educação física com o atendimento adequado para as suas necessidades.

Preocupado com o melhor aproveitamento possível da infraestrutura do CO, às vezes ociosa, aceitei o convite do Ricardo Moreira, treinador da seleção brasileira de saltos ornamentais, para criar e coordenar o Centro de Excelência e Núcleo de Formação de Base em Saltos Ornamentais da UnB, parceria com o Ministério do Esporte (atualmente Secretaria Especial de Esporte do Ministério da Cidadania) que fortaleceu a formação de recursos humanos e promoveu o intercâmbio com outros países, além de recuperar e modernizar as instalações do parque aquático. Uma iniciativa coroada de êxitos que aponta um caminho possível para o desenvolvimento do esporte no país: a junção de políticas públicas adequadas, que garantem financiamento para os aspectos-chave, com uma equipe multidisciplinar dedicada e comprometida com a formação continuada, em um contexto acadêmico voltado para estudos aplicados que aperfeiçoem os métodos de treinamento, criando oportunidades para jovens talentosos. Faltou apenas destacar a gestão cuidadosa que está a cargo do Hugo Parisi (ex-atleta que nos representou em quatro olimpíadas).

Atuei como chefe do CO, de 2004 a 2006, quando a profa. Ana Maria Renne Guimarães Lapa, então vice-diretora da FEF, decidiu se aposentar. Missão difícil, pois, ela era querida pelos servidores e admirada pelos usuários, além de ter uma personalidade e um estilo de gestão que não correspondem ao meu perfil, logo, não tinha a menor condição de imitar. Procurei valorizar os servidores e fortalecer a sua autonomia, mantive todos nas mesmas funções que já exerciam, sendo assim, meu principal assessor foi o Roberto Tavares. Nunca tomei decisões sem ouvir a todos e, quando não concordava com eles, geralmente era porque alguns acreditavam que a preservação das instalações dependia da restrição do uso, enquanto eu defendia que era importante incentivar o uso e trazer as pessoas para o CO. Foi um aprendizado importante. Tive que tomar decisões difíceis, como gestor (algo que não faria em outra situação), que impactaram a vida de colegas, como pedir ao servidor que morava com a família na “Toca do Raposo” (como era conhecido o galpão onde estão os materiais de atletismo e, atualmente, os caiaques), para desocupar o lugar, que deveria retomar suas funções acadêmicas, como também, não permitir que servidores dormissem no CO, pois, as acomodações não eram adequadas para esse fim. Mesmo sendo medidas que contrariavam interesses, conversei com as pessoas envolvidas, expliquei os motivos, combinei um prazo de tempo adequado para que pudessem reorganizar suas vidas.

Algun tempo depois, atuei como Diretor da FEF pelo período de 2010 a 2014. Na gestão do prof. José Geraldo, com apoio da Reitoria, foi elaborado *um Plano de Modernização do Centro Olímpico da UnB*. O arquiteto Alberto Faria, diretor do Centro de Planejamento da UnB, convidou os ex-professores Márcio Villas Boas e Ricardo Farret, arquitetos que elaboraram o projeto original do CO. Foram sugeridas diversas melhorias que permitiriam à UnB sediar as competições de várias modalidades da *Universiade de Verão* em 2019; a candidatura de Brasília foi aprovada, com o empenho do prof. Andre Reis, vice-diretor da FEF, mas, com a mudança na gestão do Governo do Distrito Federal, a proposta foi indeferida.

Felizmente, nesse intervalo de tempo, a UnB, durante a gestão do prof. Ivan Camargo, conseguimos concluir a reforma do parque aquático e retomar o seu uso regular, como também, com apoio da profa. Márcia Abrahão Moura e da Secretaria de Infraestrutura (Infra), retomar a reforma das pistas de atletismo que, em breve será concluída, e vai nos brindar com dois campos de futebol na parte interna. Existe ainda a proposta de revitalizar os antigos campos de futebol com a instalação de grama sintética, como também, a construção de novas quadras cobertas, pois, um ginásio é pouco para o treinamento de todas as modalidades universitárias. Outros investimentos importantes para que o CO tenha condições adequadas de atender uma comunidade universitária, atualmente muito maior do que nos anos iniciais são: a infraestrutura de vestiários, a acessibilidade e iluminação noturna, os cuidados

com a segurança e uma praça de alimentação e convivência, que também daria suporte aos moradores da Casa do Estudante Universitário (CEU), por fim, a construção de um galpão para esportes náuticos, afinal estamos nas margens do lago.

Enquanto essas melhorias não são transformadas em realidade, devemos aproveitar tudo o que o CO já pode nos oferecer. O CO está sob a responsabilidade da Faculdade de Educação Física, que prioriza o seu uso para atividades acadêmicas, mas, paralelamente, é um centro multiusuário de toda a comunidade universitária e da população do Distrito Federal, logo, deve ter o seu caráter comunitário devidamente contemplado e reforçado, a fim de que permaneça vivo em nossas memórias.

Obrigado ao Centro de Memória Maria Helena Siqueira da Faculdade de Educação Física da UnB por nos inspirar a compartilhar essas lembranças.

Brasília/DF 11 de setembro de 2021.

### **(\*) Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende**

Graduado em licenciatura em Educação Física pela Universidade de Brasília (1986), especialista em Educação Física para Portadores de Deficiência pela Universidade Federal de Pernambuco (1989), mestre em Educação pela Universidade de Brasília (1992) e doutor em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília (2003). Atualmente é professor associado da Universidade de Brasília, lotado na Faculdade de Educação Física, onde ministra disciplinas da área de Conhecimentos Sóciofilosóficos. Ministrou aulas na rede pública do Distrito Federal na área de Educação Física Especial, com ênfase em psicomotricidade e natação. Desenvolve pesquisas na área de Psicologia do Esporte, com ênfase no estudo do ensino e da avaliação das Habilidades Táticas nos Esportes de Invasão. Dedicar-se também à linha de pesquisa relacionada ao estudo das representações sociais do professor de Educação Física e dos conceitos relacionados ao esporte e à corporeidade, e, a linha de pesquisa sobre flexibilização pedagógica para construção de estratégias didáticas que possibilitem experiências de aprendizagem mediada e promovam a aprendizagem de todos os educandos.